



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

SOUSÂNDRADE: poeta e pensador educacional?

José Antunes Marques (UFGO) – jkmarks78@gmail.com

RESUMO

Joaquim de Sousa Andrade - Sousândrade, o consagrado poeta maranhense nascido em 9 de julho de 1832 é identificado tradicionalmente como pertencente à segunda geração do Romantismo brasileiro. Contudo, ele apresenta uma personalidade muito mais compatível com os modernistas de 1922, além de poder ser considerado como um intelectual que teve uma atuação significativa em favor da educação pública no Maranhão. Ao longo dos seus 68 anos de vida, o autor de O Guesa foi figura extravagante na sociedade brasileira, no período do Segundo Reinado. Republicano e abolicionista, professor no Liceu Maranhense, lutou por longo tempo em favor da criação da “Atlântida”, uma universidade popular que seria uma nova Atenas. Com a República, na condição de intendente Municipal de São Luís, presidiu a Comissão encarregada de elaborar o projeto de Constituição do Estado do Maranhão, implementando uma reforma do ensino, contemplando, entre outras novidades, a fundação de escolas mistas, além de ter idealizado a bandeira do Maranhão com três cores – branco, preto e vermelho -, representando a mistura étnica. Filho de grande fazendeiro produtor de algodão, Sousândrade teve uma formação diferente da grande maioria dos filhos da elite maranhense. Ao contrário dos seus contemporâneos, não se dirigiu a Coimbra para obter o diploma em Direito. Estudou em Paris, na Sorbonne, graduando-se em Letras e, posteriormente, em Engenharia de minas. Cosmopolita, passou bom tempo viajando pela Europa e passou a morar em Nova York, em 1871, onde foi secretário e colaborador do periódico O Novo. De volta ao Brasil, retornou ao Maranhão onde se casou e passou a viver como fazendeiro e produzindo poesias. Ancorado teoricamente em Belkis Souza Bandeira e Avelino da Rosa Oliveira, analisamos a obra e a biografia de Sousândrade a partir do conceito de formação cultural numa aproximação deliberada do termo alemão *Bildung*. Nos quadros do projeto de pesquisa “Modernização sabotada: Formação cultural, escolaridade e ruptura em Sousândrade”, estamos investigando a performance do poeta maranhense na sua condição de poeta e intelectual que implementou reformas educacionais inovadoras para o seu tempo. Ao acompanhar a escolaridade e formação cultural de Sousândrade, estamos investigando o esforço por ele desprendido para se libertar, enquanto cidadão e intelectual, dos mecanismos coercitivos da sua socialização na sociedade maranhense do século XIX, tendo chegado a fazer proposições precoces no campo do pensamento educacional brasileiro, ainda que não efetivamente institucionalizadas.

Palavras-chave: Sousândrade. Formação cultural. Intelectuais e educação.

1 INTRODUÇÃO

No panorama da poesia brasileira, Joaquim de Sousa Andrade, ou simplesmente Sousândrade, é sem dúvida o poeta marcado pela solidão – uma solidão existencial e estética. Aos 45 anos, no conhecido desabafo que fez em Nova Iorque, conseguia sintetizar a sua sina:



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

"Ouvi dizer já por duas vezes que o Guesa Errante será lido 50 anos depois; entristeci – decepção de quem escreve 50 anos antes". Ele e sua obra estavam deslocados no tempo, experimentando mais que tristeza por sua originalidade, diante da incompreensão dos seus contemporâneos em relação à sua estética e à sua concepção de mundo. Tratou-se, inegavelmente, de uma experiência pessoal e estética de ruptura com a sua geração e com a sociedade maranhense e brasileira, e que pode lançar luz sobre a história da educação brasileira a partir da referência conceitual de formação cultural e de investigações biográficas.

Desde o próprio nome com que se deixou conhecer, o poeta maranhense de Guimarães, atual Mirinzal, mostrava-se fora da bitola do seu tempo. Já no seu livro de estreia, *Harpas Selvagens*, ao aglutinar os sobrenomes *Sousa* e *Andrade*, pondo acento na antepenúltima sílaba, o propósito admitido era obter uma sonoridade grega e o mesmo número de letras do nome do bardo inglês (CAMPOS, 2002). Segundo sua neta, "Sousândrade apaixonou-se pelo idioma de Shakespeare. O amor à literatura inglesa e principalmente ao dramaturgo de 'Rei Lear' leva-o a fundir o sobrenome numa palavra apenas" (WILLIAMS, 1976, p. 78).

Generoso e desprendido, oferecia água a seus vizinhos fazendeiros em tempo de seca e consta que distribuiu gratuitamente parte de suas terras para ex-escravos, quando da Proclamação da República. Para o seu amigo Domingos Barbosa, tratava-se de "um erudito, um douto, um sábio, (...) grande e velho amigo em que não conheci uma só maldade" – isso, porém, "para os que o conheciam", pois era "para os néscios e para muitos dos que não o conheciam, um louco". O fato é que para a maioria dos seus contemporâneos, tratava-se de um homem estranho, de ideias amalucadas, misantropo, que lia livros eruditos e escrevia poesias esquisitas.

Na velhice, foi assim descrito por um contemporâneo:

Era um velho alto, carão moreno e rigorosamente escanhoado, colarinho entalando o pescoço, cabeleira grisalha caindo, fofa, para os ombros, cobrindo a orelha, e, sobre essa cabeleira uma cartola, cuidadosamente posta e mantida em rigoroso equilíbrio. (...) No rosto largo, um sorriso polido, mas deixando à mostra uns grandes dentes cuidados. E, pendente de um fio negro, um monóculo, que levava de instante a instante, em gestos pausados, à órbita esquerda. Tipo de poeta ou de político norte-americano da primeira metade do século XIX (BARBOSA apud WILLIAMS, 1976, p. 112).

A originalidade da biografia de Sousândrade, provavelmente, residia no quadro relativamente diferenciado da cidade de São Luís. Devido ao fato de ser quase equivalente ir



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

de lá à Europa quanto ir à Corte, por causa da sua localização, e também por causa das intensas atividades comerciais portuárias, tratava-se de uma ilha cultural, com os filhos das famílias abastadas constituindo uma elite, uma “intelligenza” regional, segundo Frederick G. Williams, que, na condição de poetas, dramaturgos, historiadores, oradores e políticos, contribuíam para dar alento ao epíteto de *Atenas Brasileira* àquela capital.

Mais decisivamente, porém, a originalidade do poeta residia no seu perfil intelectual. Filho de grande fazendeiro produtor de algodão, teve uma formação distinta da maioria dos filhos da elite maranhense. Tendo cursado provavelmente Humanidades no Liceu Maranhense, ao contrário dos seus contemporâneos, não se dirigiu a Coimbra para obter o diploma de doutor, e nem cursou Direito ou Medicina. Em Paris, na Sorbonne, estudou Letras e, posteriormente, Engenharia de Minas, tendo sido o primeiro brasileiro a obter esse título da Sorbonne. Nesse período, conheceu boa parte da Europa, tendo sido expulso da Inglaterra por ter criticado a monarquia inglesa e a Rainha Vitória em artigo publicado na imprensa daquele país. De volta ao Brasil, faria sua estreia literária no Rio de Janeiro com a publicação de *Harpas Selvagens* e, numa informação parcialmente confirmada, estudaria um ano do curso de Medicina.

Em 1861, volta para o Maranhão, depois de ter empreendido uma demorada incursão ao Amazonas, viagem que muito lhe impressionaria, com repercussões sobre sua obra. Casando-se, em 1864, com D. Mariana de Almeida e Silva, viúva de um importante e rico fazendeiro, Sousândrade teve uma intensa vida literária, publicando livros, colaborando com o *Semanário Maranhense* e participando da criação de um romance coletivo – *A casca da caneleira*, sob o pseudônimo de Conrado Rotenski. Com o intuito de acompanhar a educação e o tratamento de saúde da filha, Maria Bárbara, vai para os EUA em 1871, deixando a esposa no Maranhão, na evidência da crise matrimonial. Residindo no bairro de Manhattanville por catorze anos, Sousândrade desenvolve intensa atividade literária e política, publicando artigos no periódico *O Novo Mundo*.

Em 1885, regressa ao Maranhão, num demorado e inusitado périplo pelo Oceano Pacífico, conhecendo Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai, com os devidos registros acerca da história, da cultura e dos problemas do continente americano (DUARTE, 1990). Depois dessa viagem, ele sairia de São Luís somente em 1896, num intervalo das suas atividades de professor de grego no Liceu Maranhense. Faltando três meses para completar 70



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

anos, em 21 de abril de 1902, gravemente doente foi removido por seus alunos para o hospital, morrendo ali no mesmo dia.

2 DESENVOLVIMENTO

O esquematismo biográfico desses parágrafos, contudo, não dá conta de ilustrar a condição um tanto clandestina e marginal do poeta e de sua produção poética. Enquadrado formalmente na segunda geração do Romantismo brasileiro, ele passou como um terremoto clandestino, no dizer dos irmãos Campos, produzindo

uma obra que não teve nem poderia ter o auditório que merecia. Simplesmente escapava ao limiar de frequências da sensibilidade de seus contemporâneos, que se definia pelas principais vertentes do Romantismo canônico (...). Sismo de vibração acima da curva acústica da época, a obra de Sousândrade ficou à margem (CAMPOS, 2002).

Repudiado pela crítica dos seus contemporâneos, como foi o caso de José Veríssimo, Sílvio Romero, ou mesmo marcado por certo estranhamento, como Camilo Castelo Branco que o considerou “o mais extremado, mais fantasista e erudito poeta do Brasil na atualidade”. De fato, somente na década de sessenta do século passado, por meio de Luiz Costa Lima e sobretudo de Augusto e Haroldo Campos, é que Sousândrade usufruiu de uma ReVisão crítica que o retirou do limbo da história da poesia brasileira. Nem mesmo os poetas modernistas conseguiram reconhecer o significado da sua obra. Em 1946, Manuel Bandeira, por exemplo, no texto Apresentação da Poesia Brasileira, condenava a poesia sousandradina pelo “fluxo do mais enfadonho estilo discursivo romântico”. Antonio Cândido, posteriormente, chegaria a enquadrá-lo como “um dos menores”. É bem verdade que Fausto Cunha, pioneiramente, ressaltou em 1956 a “tremenda importância histórica” de Sousândrade, comparando suas inovações vocabulares a Ezra Pound e a Joyce. Entretanto, no mesmo passo, critica a pouca inteligibilidade e o desnivelamento estético, fruto, segundo ele, de um “desarrazoado patológico” (apud ROCHA, 2002-2003, p. 217).

A variedade de visões acerca da produção sousandradina exprimia aquilo que os irmãos Campos anotaram como a riqueza estética de Sousândrade, na competente recuperação histórico-estética que efetivaram. Tratar-se-ia de um autor, a um tempo, “barroquista”, “imagista”, “haicaista”, “cinematográfico” “realista-mágico”, “ideogramático”, poundiano, joyciano, às vezes oswaldiano, outras, marioandradino, com uma visão existencial próxima a Holderlin, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, mais o estilo coloquial-irônico que lembra J. Laforgue e Cesário Verde...



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Ainda agora, sustentam Augusto e Haroldo Campos, a obra de Sousândrade espera uma revisão que a coloque num patamar mais largo que o do Maranhão e do Brasil:

No Brasil, Sousândrade – justamente um desses românticos projetados para além da compreensão de sua época – espera a revisão do seu processo de olvido. Um revisão que, superados os limites da língua, há de situá-lo em nível internacional no plano dos pioneiros da poesia que hoje aceitamos como contemporaneamente válida: as *Harpas Selvagens* são de 1857, ou seja, do mesmo ano das *Fleurs du mal*, de Baudelaire; dos primeiros *Cantos do Guesa*, datados de 1858, consta um edição já em 1866 (CAMPOS, 2002, p. 30).

No plano do continente americano, Sousândrade chegou a ser bem recepcionado. Por exemplo, o escritor peruano Ricardo Palma registrava um elogio significativo ao poeta: “La Araucana, de Ercillia, o Guesa errante, de Souza Andrade son los poemas que, em mi concepto, satisfacen mas cumplidamente el ideal del americanismo literário” (apud WILLIAMS, 1976, p. 89). Tudo isso, porém, visualizado a posteriori, não contemporaneamente.

Ao investigar a estética do poeta maranhense, Luiz Costa Lima, no seu ensaio *O Campo Visual de uma Experiência Antecipadora*, o enquadra na condição de um artista *vidente*, portador de uma percepção mais intensa que a dos seus contemporâneos, conceituada por ele como *visualização*, num diálogo com os conceitos de “consciência real” e “consciência possível” de Lucien Goldmann. A solidão estética de Sousândrade e todos os reveses decorrentes são assim explicados por Lima:

Ora, estudando a obra de Sousândrade chegaremos à conclusão de que ela é o produto de um grande poeta, fracassado pelo dilaceramento interno da sua expressão. (...) Sem condições para desenvolver canais expressionais apropriados à realidade visualizada, o artista está fadado ao fracasso. Esse é o dilema que encontraremos básico em Sousândrade. Dilema de um grande poeta esmagado pelo clima colonial que o cercava (apud CAMPOS, 2002, p. 465).

A solidão estética e o sofrimento de Sousândrade eram arrematados por um outro aspecto da sua personalidade, agravado pelo seu significado também marginal – a sua concepção de mundo, na qual estava contemplada explícita ou implicitamente a sua condição de um pensador educacional. Também aqui, a sua condição de solitário não era menos manifesta. Republicano, abolicionista e sensível às questões sociais a ponto de se comprometer com projetos educacionais para a província do Maranhão, consta que ao receber a notícia da Proclamação da República, “visivelmente comovido até às lágrimas, ter-se-ia posto de pé e, sem dizer palavra, nada mais fizera que apertar demoradamente a mão de quem lhe trouxera tão grata nova” (WILLIAMS, 1976, p. 137). Encarnando a condição de patriarca



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

do republicanismo maranhense, sentia-se na obrigação de intervir concretamente na conduta do povo, ele que militava pela causa desde um bom tempo. Conferindo de perto uma experiência republicana, ao tempo em que morou nos EUA, atuou por meio do jornal O Novo Mundo, ajudando-o até financeiramente, por se tratar de uma publicação antimonarquista. Foi com esse espírito que se ausentou deliberadamente da redação, quando D. Pedro II visitou o jornal em Nova York, quando da visita aos EUA, por ocasião do centenário da Independência.

Sousândrade participou da Junta Provisória de São Luís, assumindo por quase oito meses o cargo de Intendente, período no qual sua condição de pensador educacional foi exercitada em alguma medida. Foi o idealizador da bandeira do Maranhão com três cores – branco, preto e vermelho –, representando a mistura étnica, e presidiu a Comissão encarregada de elaborar o projeto de Constituição do Estado do Maranhão. Em relação à instrução pública, deu vazão a todo seu dinamismo:

No primeiro dia de fevereiro foram estabelecidas três escolas primárias vespertinas em diversos pontos da cidade e destinadas exclusivamente aos pais. Duas semanas depois, cinco escolas adicionais foram criadas para meninos pobres, as quais seriam as primeiras escolas mistas públicas da história educacional do Maranhão. No dia 21 de abril, homenageando a memória de Tiradentes, a Intendência criou mais doze escolas mistas, perfazendo, assim, o total de vinte escolas no curto espaço de quatro meses. (WILLIAMS, 1976, p. 143).

No plano mais geral da administração, suas medidas foram marcadas pelo ímpeto de modernização:

Proibição de funcionamento do comércio aos domingos; projeto de uma exposição anual para promover a indústria e a agricultura do Estado; instalação da primeira rede telefônica da cidade; redenominação de ruas e parques com o objetivo de evocar figuras importantes das lutas pela liberdade nas Américas: Washington, Bolívar, Tiradentes. (WILLIAMS, 1976, p. 145).

Sousândrade esforçava-se em transplantar para o Maranhão práticas e atitudes republicanas nas quais acreditava e que as havia observado na temporada em que esteve nos EUA. De fato, ele e o diretor-proprietário do jornal O Novo Mundo, publicado em Nova York, experimentavam certo fascínio pelo estilo dos norte-americanos, o que explica as constantes observações que faziam nos editoriais sobre a vida nos Estados Unidos, como, por exemplo, acerca do “Dia do Senhor” (domingo): “o comércio fecha, o operariado descansa, a Exposição do Centenário cerra suas portas e até a Marinha, por determinação do Presidente Lincoln, repousa nesse dia”. Colocavam em relevo outros aspectos, como: “a educação feminina, sanitários domésticos no interior das residências, água encanada a temperaturas



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

variáveis, telefones, escolas mistas, processo eleitoral, sistema penal, casamento, religião etc.” (WILLIAMS, 1976, p 146).

Para a maioria da população, entretanto, tudo isso era recepcionado com má vontade e ignorância. O poeta-intendente era visto na vida pública de modo tão peculiar quanto na poesia. Por recusar qualquer remuneração por seus cargos, entre outras “excentricidades”, foi se constituindo como uma figura visionária, um sonhador de coisas impossíveis e, a seguir, um amalucado. O caso da criação da universidade, talvez seja o melhor exemplo. Já no projeto da Constituição, ele propôs o artigo 89 que dispunha sobre a criação de uma universidade, que se chamaria Atlântida, depois Nova Atenas. Derrotado, procura levantar recursos por meio de subscrição popular, no que também fracassa. Por fim, disponibilizou sua residência, Quinta Vitória, onde chegou a ministrar algumas aulas. Três meses antes de sua morte, um uruguaio conseguiu fundar uma universidade livre e popular na capital federal, mais ou menos nos moldes daquela que ele havia vislumbrado. Um jornalista maranhense, tomando as dores do poeta, observava que a “idéia partiu do Brasil e do nosso Estado”, e recuperava a luta de Sousândrade:

Foi o grande poeta que, há anos atrás, teve a iniciativa de dar-nos uma universidade. A sua idéia, demasiadamente grande para o nosso meio foi desprezada. Quem hoje der-se ao trabalho de ir à Quinta Vitória, encontrará os restos mortais da nossa malograda universidade. Lá ainda está em letras garrafais, na sala destinada às congregações, o dístico ‘Nova Atenas’ (Apud. WILLIAMS, 1976, p. 147) .

Em meio a tantos esforços em vão, Sousândrade foi se desencantando com os seus conterrâneos, que falhavam no cumprimento de seus deveres, experimentando tais derrotas como pessoais. Um amigo fazia a seguinte observação acerca da psicologia sousandradina:

Tal era a sua veneração pela forma republicana, que sentia como próprias, que o punham como sofrimentos pessoais, as faltas, desmaios e eclipses que, não raro, as idéias democráticas têm tido entre nós durante o novo regime. (WILLIAMS, 1976, p. 147).

Da parte desses correligionários, o poeta e “velho republicano não tinha o apreço devido, sendo, pelo contrário, considerado um utopista, um espírito infantil”. A Província maranhense não acompanhava o raciocínio de vanguarda do poeta. Ao analisar os cinco meses de vida republicana naquela província, o editorialista do jornal O Globo não se mostrava nada otimista: “acontece que o Maranhão ainda se acha no caos, sem que até hoje a influência benéfica vivificadora dos princípios republicanos se tenha feito sentir”, e arrematava desanimadoramente, observando que a esperança que animava a luta pela



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

República, vislumbrada como solução dos males administrativos do Império – “isto porém foi um sonho que dissipou-se aos primeiros clarões da realidade”.

Como observou (WILLIAMS, 2003, p. 46), “não há dúvida de que provocavam mal-estar nos círculos mais conservadores da província”, as ideias sustentadas por Sousândrade, tais como:

Quiséramos também que algumas senhoras (por exemplo viúvas e tutoras) que diretamente concorrem para as rendas do Estado, tivessem o direito de eleitoras e elegíveis a determinados cargos públicos: isto moraliza. E que também não houvesse estrangeiros, considerando-se pátrios os cidadãos com direito a tomarem parte nos interesses do Estado todos, desde o momento em que pisassem o solo abençoado da República: isto eleva a soberania popular pela fraternidade universal: é a nova Pátria.

De desencanto em desencanto, Sousândrade foi registrando sua sina de solitário marginal nas linhas e entrelinhas dos seus versos, constituindo uma autobiografia poética com força para, a um tempo, dimensioná-lo no quadro da literatura brasileira, bem como expressar uma interpretação original sobre o seu tempo e se prestando também como objeto de estudo acerca do processo de escolarização e de constituição de uma cidadania tão complexa nos quadros da sociedade brasileira no século XIX. É com esse pano de fundo que estamos analisando o trajeto sousandradino, focando no seu processo de formação cultural, que foi responsável pela produção de uma estética poética desconcertantemente moderna para o seu tempo, razão pela qual não teve ressonância nem na sociedade maranhense nem no resto do país.

3 CONCLUSÃO

Teoricamente, tendo como referência obra e a biografia, estamos investigando o processo intelectual de Sousândrade nos aproximando das reflexões de Belkis Souza Bandeira e Avelino da Rosa Oliveira, que vinculam o conceito de formação cultural ao termo alemão *bildung* e não o conceito simples de Kultur, de origem latina. Para eles, *bildung* “reporta-se mais às transformações na esfera subjetiva, referindo-se a um processo de formação. Com uma forte conotação pedagógica, designando a possibilidade de desenvolvimento de potencialidades humanas subjetivas, o termo Bildung tem um caráter bastante dinâmico e define-se essencialmente enquanto prática.” E mais: relaciona-se com “o conceito de emancipação, no sentido de ato pelo qual alguém passa a ser responsável pelos próprios atos e palavras, em acepção semelhante ao conceito de autonomia.” (BANDEIRA; OLIVEIRA,



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

2012, p. 226). É isso: estamos analisando a escolaridade e a formação cultural de Sousândrade como uma trajetória pessoal de desenvolvimento das suas “potencialidades humanas subjetivas” e que resvalam para uma condição de pensador educacional com propostas concretas para educação maranhense no século XIX, ainda que não encaminhadas efetivamente.

Estamos investigando a performance do autor de Guesa, na sua condição de poeta, professor no Liceu Maranhense, intendente Municipal de São Luís que implementou reformas como a fundação de escolas mistas e lutou pela criação de uma universidade popular. Acompanhando a escolaridade e formação cultural de Sousândrade, estamos investigando o esforço por ele desprendido com vista a uma libertação dos mecanismos coercitivos da sua socialização na sociedade maranhense do século XIX. Trata-se da recuperação de uma trajetória pessoal de desenvolvimento das suas potencialidades humanas subjetivas, na medida em que promove rupturas estéticas e sociais como desdobramento do seu processo de escolarização e da sua obra poética, marcada por referências autobiográficas. Sousândrade tratou de imprimir em seus versos tanto os registros factuais de sua biografia quanto de seus valores e concepções de mundo, com traços precocemente modernos que foram sabotados pelo meio social incapaz metabolizar tanta novidade. O “caso” Sousândrade (ROCHA, 2002-2003) apresenta um potencial considerável para abordagens que estreitem vínculos entre formação cultural, biografia, literatura, poesia e processos de escolarização, ampliando as áreas de contato da interface entre educação e sociedade.

Com uma escolaridade que escapou do destino comum dos filhos da elite maranhense – em vez de Coimbra, Paris foi seu destino, experimentando o cosmopolitismo da Sorbonne –, pode levar a efeito uma formação cultural que rompeu com as referências estéticas da sua geração de poetas, bem como, protagonizou ações significativas em relação à educação e a outros setores da sociedade maranhense, na condição de um pensador educacional, convicto republicano e cosmopolita progressista.

ABSTRACT

Joaquim de Sousa Andrade - Sousândrade, the consecrated Maranhão poet born on July 9, 1832 is traditionally identified as belonging to the second generation of Brazilian Romanticism. However, he has a personality much more compatible with the modernists of 1922, besides being able to be considered as an intellectual who had a significant role in favor



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

of public education in Maranhão. Throughout its 68 years of life, the author of *O Guesa* was an extravagant figure in the Brazilian society, in the period of the Second Reign. Republican and abolitionist, a professor at the Liceu Maranhense, fought for a long time in favor of the creation of "Atlantis", a popular university that would be a new Athens. With the Republic, as Mayor of São Luís, he presided over the Commission in charge of preparing the draft Constitution of the State of Maranhão, implementing a reform of education, contemplating, among other novelties, the foundation of mixed schools, in addition to having idealized the flag of Maranhão with three colors - white, black and red -, representing the ethnic mixture. Son of a great cotton farmer, Sousândrade had a different formation of the great majority of the children of the Maranhão elite. Unlike his contemporaries, he did not go to Coimbra to obtain his law degree. He studied in Paris at the Sorbonne, graduating in Letters and later in Mining Engineering. Cosmopolitan, spent good time traveling in Europe and moved to New York in 1871, where he was secretary and collaborator of the newspaper *O Novo*. Back in Brazil, he returned to Maranhão where he married and began to live as a farmer and producing poetry. Anchored theoretically in Belkis Souza Bandeira and Avelino da Rosa Oliveira, we analyze the work and the biography of Sousândrade from the concept of cultural formation in a deliberate approximation of the German term *Bildung*. In the framework of the research project "Sabotage modernization: cultural formation, schooling and rupture in Sousândrade", we are investigating the performance of the poet of Maranhão in his capacity as poet and intellectual who implemented innovative educational reforms for his time. In accompanying Sousândrade's education and cultural background, we are investigating the effort he has made to liberate himself, as a citizen and intellectual, from the coercive mechanisms of his socialization in the Maranhão society of the 19th century, having even made early propositions in the field of educational thought Brazilian, although not effectively institutionalized.

Keywords: Sousândrade. Cultural formation. Intellectuals and education.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Belkis Souza e Oliveira, Avelino da Rosa. **Formação cultural e semiformação:** contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje, *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 225-232, maio/ago. 2012.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. **Re-visão de Sousândrade.** 3. ed., rev. e ampl., São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUARTE, Sebastião Moreira. **O périplo e o porto.** São Luís: edufma, 1990.

ROCHA, Marília Librandi. "O 'caso' Sousândrade na história literária brasileira". In: **REVISTA USP**, São Paulo, n. 56, p. 213-220, dezembro/fevereiro 2002-2003.

WILLIAMS, Frederick G. **Sousândrade:** vida e obra. São Luís: Edições SIOGE, 1976.

_____, e Moraes, Jomar. **Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade.** São Luís: Edições AML, 2003.